



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE EM GEOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO DIALÓGICA

Isabela Santos Albuquerque¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)
e-mail: isalbuquerque30@gmail.com

Jéssica Caroline Souza de Jesus²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)
e-mail: jessie.carol12@gmail.com

Marcus Henrique Oliveira de Jesus³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)
e-mail: marcushenrique103@gmail.com

Resumo

O presente estudo é fruto de uma proposta desenvolvida no contexto das disciplinas Metodologia e Prática do Ensino da Geografia II e Estágio Supervisionado II, objetivando pesquisar e refletir sobre a relação existente entre formação e prática docente em Geografia. A pesquisa foi realizada com sujeitos que vivenciam o cotidiano do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *Campus* Salvador: docentes e discentes. No processo de discussão das citadas disciplinas, surgiu a inquietação de compreender qual a percepção destes sujeitos quanto ao seu processo formativo, já que se defende nesta pesquisa a relação dialógica entre formação e prática docente. A metodologia pressupôs pesquisa e análise bibliográfica, elaboração, teste, aplicação, tabulação e avaliação de questionários, além da escrita coletiva do trabalho. Utilizou-se um amplo referencial teórico, a fim de compreender os pontos centrais de discussão: formação e prática docente; e percepção. Dentre os autores estudados, podem ser citados: Freire (1988; 1996; 2005), Cavalcanti (2006, 2012), Veiga (2009), Merleau-Ponty (1990, 1999), dentre outros. Quanto à realidade em questão, de modo geral, pode-se dizer que os sujeitos pesquisados percebem um vínculo entre o processo formativo e a construção processual da professoralidade, além da influência do mesmo na consolidação de uma docência crítico-reflexiva e dialógica na Geografia. Alguns entraves foram citados, embora de acordo com os entrevistados as questões sinalizadas não estão sendo empecilhos concretos à formação dos *futuros professores*.

Palavras-chave: Formação docente, Prática docente, Geografia, Relação dialógica.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA); Departamento de Ciências Humanas. *Campus* Salvador; Pesquisadora do GEOPRAXIS/IFBA/CNPq; Autora do trabalho e Orientadora dos discentes.

² Graduanda do VII Semestre do Curso de Licenciatura em Geografia do IFBA. Departamento de Ciências Humanas, *Campus* Salvador. Coautora do trabalho.

³ Graduando do VII Semestre do Curso de Licenciatura em Geografia do IFBA. Departamento de Ciências Humanas, *Campus* Salvador. Coautor do trabalho.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1. Introdução: Contextualizando a temática e o locus de estudo

Este trabalho surgiu como desdobramento de uma proposta desenvolvida no contexto dos componentes curriculares *Metodologia e Prática do Ensino da Geografia II* e *Estágio Supervisionado II*, ofertados no Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *Campus* Salvador. O objetivo central foi pesquisar e analisar, a partir da percepção, a relação existente entre formação e prática docente em Geografia, por acreditar na relação dialógica entre ambas. Esta questão adquire relevância, na medida em que este é o primeiro Curso na área de Ciências Humanas ofertado pelo IFBA, Instituição que tem tradição na formação profissionalizante.

A metodologia pressupôs a pesquisa e análise bibliográfica, elaboração, teste, aplicação, tabulação e avaliação de questionários, além da escrita coletiva do trabalho. Utilizou-se um amplo referencial teórico, a fim de compreender os pontos centrais de discussão do trabalho: formação e prática docente; percepção. Dentre os autores, podem ser citados: Freire (1988; 1996; 2005), Cavalcanti (2006, 2012), Veiga (2009), Merleau-Ponty (1990, 1999), dentre outros.

O IFBA, antiga Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA) e posterior Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), tem se ocupado, ao longo dos anos, da formação profissionalizante qualificada, alicerçada em uma prática tradicional, com o objetivo de formar uma mão-de-obra capaz de atuar de modo diferenciado no mercado de trabalho. Os egressos, em sua grande maioria, alcançam bons e almejados postos na sociedade. Esta questão é instigante, pois embora a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 tenha dado menor ênfase a educação profissional, a tradição da citada Instituição continuou/continua, fato constatado através da constante demanda por vagas nos mais diversos cursos ofertados.

A partir de 2008, novas modificações tornaram a valorizar e incentivar a oferta de cursos profissionalizantes, o que culminou com a consolidação dos Institutos Federais. “Atualmente os Institutos Federais ofertam cursos em todos os âmbitos, desde a modalidade integrada de ensino técnico profissionalizante no nível médio, nível subsequente e ensino superior com cursos de bacharelado, tecnológico e licenciatura” (JESUS *et al*, 2015, p.2).

Considerando que o Curso de Licenciatura em Geografia, reconhecido pelo MEC recentemente, está em funcionamento há quatro anos, em uma Instituição de tradição profissionalizante, surgiu a inquietação em compreender como vem se dando tal processo



formativo, à luz da percepção de importantes sujeitos que vivenciam o cotidiano do Curso: discentes e docentes. Para este trabalho foi feito um recorte que apresenta a análise voltada para relação entre *formação e ação docente em Geografia*, já que os resultados alcançados ainda permitem reflexões e produções futuras.

2. Formação e prática docente em Geografia: desafios rumo a uma relação dialógica

A dinamicidade e complexidade do mundo globalizado enseja transformações num ritmo acelerado para a sociedade, colocando e impondo desafios à formação e prática docente, que deve/precisa acompanhar tal panorama. Então, ser professor na atualidade requer a compreensão da importância de seu papel na formação cidadã crítica, bem como no estímulo à construção do conhecimento e desenvolvimento autônomo. Tais aspectos não são simples de se alcançar, por isso urge (re)pensar tanto o processo formativo quanto os rumos da profissão.

A educação brasileira enfrenta muitos desafios. Um deles é romper com a prática do ensino tradicional, ainda recorrente, limitando o papel do professor a um repassador de conteúdos e ao aluno um receptor desses conteúdos, o que Freire (2005) vai chamar de “educação bancária”. A principal crítica a essa tendência pedagógica é a alienação do homem, afinal cabe a educação contribuir para a libertação dos sujeitos e não para o seu aprisionamento.

É relevante abordar que o viés dialógico também defendido por Freire (2005), enseja a possibilidade de diálogo, participação e troca entre os sujeitos. Logo, se a formação de professores ocorre fundamentada em um viés tradicional, acredita-se que sua prática tenderá a ser um espelho desta trajetória. No entanto, se opostamente, a formação alicerçar-se em uma tendência mais horizontalizada e libertadora, defende-se que o professor terá subsídios para pensar de forma mais autônoma, crítica e reflexiva.

No III Seminário de sobre Formação em Exercício de Professores ocorrido no mês de agosto de 2015, na Faculdade de Educação da UFBA (FACED), o Professor Marcos Vilella Pereira, convidado da PUC/RS, fez uma interessante análise sobre a formação da professoralidade, mencionando que é papel do educador “intervir para favorecer que o outro possa se deslocar e se transformar”. Outro ponto relevante, tocado pelo professor, foi uma análise sobre a crítica, a qual corresponde a possibilidade de compreender que o pensamento



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ponto de vista ser diferente do que se acredita e se defende. Assim, as *escolhas* conduzem a caminhos e as *não escolhas*, que são renúncias, devem ser reavaliadas, já que podem ensejar outros resultados.

A realidade do ensino de Geografia no Brasil percorreu caminhos semelhantes, no âmbito do ensino tradicional. Pontuschka *et al* (2009, p. 46), pontua que “até a década de 1934 (...), no antigo ginásio, a Geografia nada mais era do que a dos livros didáticos escritos por não geógrafos”. E que geralmente, o ensino de Geografia preocupava-se em abordar o que fora a ciência até meados do século XIX na Europa: “Enumeração de nomes de rios, serras, montanhas, ilhas, cabos, capitais, cidades principais, totais demográficos de países, de cidades, etc”.

O ensino de Geografia no Brasil sofreu influência direta da escola francesa, tendo como principal propagador Vidal de La Blache. Ainda segundo Pontuschka (1999, p. 116), para a pesquisa em Geografia, La Blache propunha: “a observação de campo, indução a partir da paisagem, particularização da área enfocada (traços históricos e naturais), comparação entre áreas estudadas (...), devendo chegar, no final, a uma tipologia”. Portanto, durante muito tempo a Geografia preocupou-se com descrições de paisagens e assim como outras disciplinas trabalhou conteúdos que se distanciam da realidade dos educandos.

A formação docente do professor de Geografia ainda evidencia essas contradições. Assim, vê-se que o ensino de Geografia ainda sofre influências dos conteúdos dispostos nos livros didáticos que devem ser abordados em aula e da metodologia de como esses temas são trabalhados. Nesse contexto, evidencia-se que, para o rompimento do ensino tradicional da disciplina de Geografia, faz-se necessário a adoção consciente de referenciais teórico-metodológicos que privilegiem a contextualização dos conhecimentos, a construção de conceitos e a valorização da vivência dos educandos, tendo o professor como mediador dos processos de ensino e de aprendizagem. Castellar; Vilhena (2010, p. 121), defendem que:

A educação geográfica, para superar a superficialidade conceitual, destaca-se o método da análise da realidade vivida. Nessa perspectiva, torna-se possível aos alunos saírem do estágio de mera decodificação de informações quantitativas ou morfológicas ou de impressionismo de aparências.

Em meio às discussões sobre a prática tradicional na educação, ainda é possível constatar que professores adotam tal prática como forma de validar poder e autoridade, colocando-se numa relação de superioridade por deterem o conhecimento que será repassado



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aos alunos, tratados como sujeitos despreparados e carentes de conteúdos prontos e acabados para serem transmitidos. É a educação bancária, na qual “o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 2005, p.67).

Vilella (2015) ressalta, que o problema não está na transmissão, pois existem momentos que o professor deve sim *levar* seu conhecimento para os estudantes. A questão é como esta relação ocorre, ou seja, se de forma dialogada ou autoritária e também se a transmissão acaba sendo a única forma de se trabalhar. Tal autor diz ainda que os conteúdos devem ser vistos não como dados e/ou informações, mas como *direitos de aprendizagem*, que para ser alcançada precisa ser pensada, planejada e (re)construída.

Retomando a análise sobre o modelo tradicional de educação, vale dizer que o mesmo acentua as contradições, não forma indivíduos pensantes, mas *seres mecânicos* movidos a perguntas e respostas automáticas. A continuidade desse modelo não permite *autonomia*, nem que o *indivíduo* se veja como um *agente transformador* da realidade, não permite que o indivíduo se enxergue como *sujeito* (FREIRE, 2005, p. 68). Para se pensar uma prática docente inovadora e crítica, a educação deve ser pensada como um instrumento a favor da *libertação* do homem (FREIRE, 2005). O processo de ensino e aprendizagem deve proporcionar uma relação de interação entre o professor e aluno. Azambuja (2013, p.166) argumenta que:

O processo de ensino e aprendizagem é dialógico, é espaço-tempo de interação entre professor, aluno, conhecimento e realidade. A ação dialógica está no reconhecimento permanente do saber do outro como contraponto ou antítese para a elaboração de novo conhecimento. Nesse diálogo, o professor continua sendo o sujeito que ensina, mas é também o que orienta, coordena e organiza a relação pedagógica. O aluno continua sendo o sujeito que aprende, mas também é o que questiona, investiga novas informações, pensa sobre elas [...].

Callai (2003) ao tratar sobre o ensino da Geografia menciona que o estudo de tal área é importante por três motivos: para conhecer o mundo; para compreender o espaço geográfico produzido pela sociedade; e para colaborar com a formação cidadã. Para concretizar tais metas é fundamental utilizar os conhecimentos e experiências dos estudantes como ponto de partida para a análise e estudo geográfico, ratificando a importância de uma relação direta e dialógica entre a vida e construção de conhecimentos, conforme desenvolvido anteriormente.

3. A formação e a prática docente em Geografia: uma análise a partir da percepção dos discentes e docentes do IFBA

A Geografia é uma ciência que ao longo do tempo passou por várias mudanças. Assim, a uma base metodológica e filosófica que até meados do século XX defendia um saber objetivo, lógico e formal, foram sendo incorporadas novas perspectivas de análise que defendiam um saber subjetivo e crítico. A partir de 1960 começaram a ser realizados estudos voltados para a subjetividade humana, que foram impulsionados a partir de 1970 propondo um esforço para conciliar o objetivo e o subjetivo, no sentido de ampliar a compreensão geográfica do espaço.

Merleau-Ponty (1999, p.10) ratifica que é através da experiência que temos com o mundo que é possível apreendê-lo. Assim, “[...] é a experiência [...] ainda muda que se trata de levar à expressão pura de seu próprio sentido”. A fenomenologia é uma estratégia que contribui nas pesquisas em ciências humanas, por favorecer a apreensão do mundo. A essência é entendida enquanto meio e não como um fim, então “buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.13).

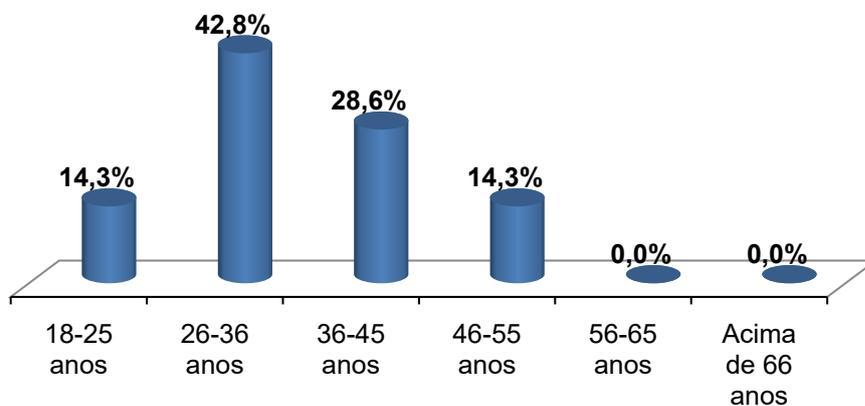
Influenciados pela perspectiva fenomenológica, os pesquisadores deste trabalho, buscaram um *olhar sensível*, alicerçado na experiência de quem vivencia o cotidiano do Curso de Licenciatura em Geografia do IFBA: docentes e discentes. A partir da aproximação com tais sujeitos foi possível apreender importantes aspectos sobre a relação formação-ação docente (Gráficos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7).

Os gráficos 1, 2, 3 e 4 apresentados logo a seguir, mostram dados relativos aos docentes entrevistados (total de sete professores), evidenciando questões significativas: 42,8% possui entre 26 a 36 anos e 28,6% tem de 36 a 45 anos, ratificando que o corpo docente é constituído, em sua maioria, por professores jovens. Destes, 43% são mestres e 57% já tem doutorado. Dos mestres, alguns estão em processo de doutoramento. Esta informação demonstra que o grupo vem buscando qualificar-se para ofertar um serviço de qualidade aos discentes.



Gráfico 1:

Faixa etária dos docentes entrevistados

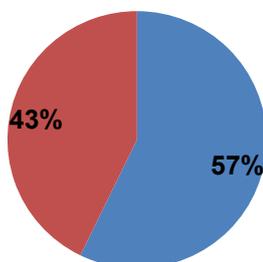


Fonte: Pesquisa de campo/IFBA, Campus Salvador, 2015.

Gráfico 2:

Grau de escolaridade dos docentes entrevistados

■ Mestrado ■ Doutorado



Fonte: Pesquisa de campo/IFBA, Campus Salvador, 2015.

Gráfico 3:



Tempo de atuação no ensino de Geografia

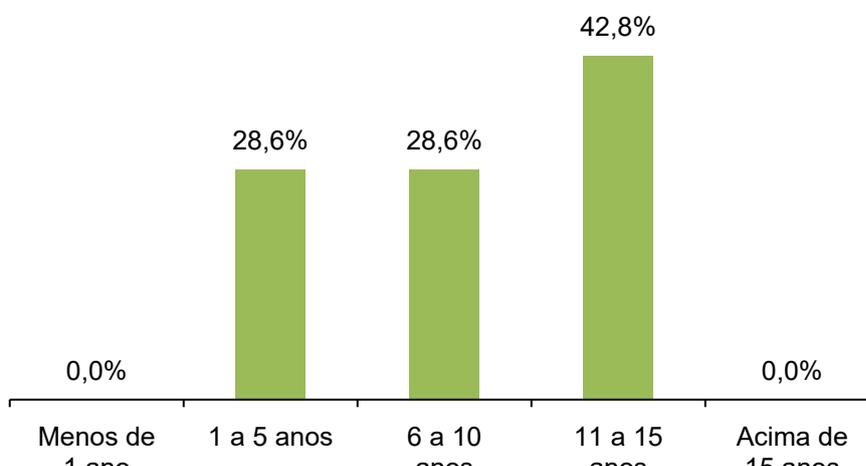
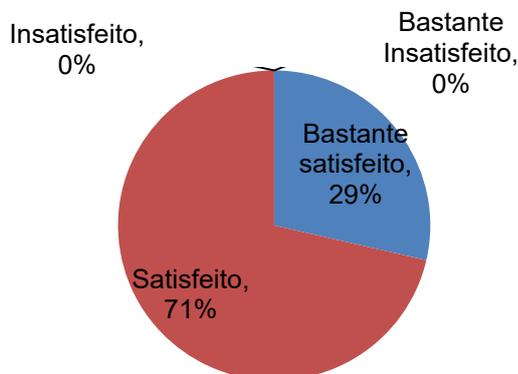


Gráfico 4

Fonte: Pesquisa de campo/IFBA, Campus Salvador, 2015.
Elaboração: Marcus Oliveira, Jéssica Souza e Isabela Albuquerque.

Nível de satisfação dos docentes quanto à participação dos discentes no trabalho desenvolvido



Fonte: Pesquisa de campo/IFBA, Campus Salvador, 2015.

42,8% dos docentes atuam no ensino da Geografia há mais de 10 anos, demonstrando que já possuem tempo de trabalho para conhecerem as especificidades da ação pedagógica na área. Outro aspecto relevante é o nível de satisfação quanto à participação discente no trabalho cotidiano, ponto de destaque, já que 71% dos professores estão satisfeitos e 29% bastante satisfeitos.

Apesar dos dados satisfatórios apontados pelos docentes, eles também sinalizaram algumas questões pedagógicas que precisam debruçar-se, como: realização de ações interdisciplinares; necessidade de revisão do Projeto Pedagógico do Curso e do próprio Currículo; desenvolvimento de atividades de extensão, maior envolvimento com pesquisas na



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

área de ensino, etc. Tais aspectos, se melhor trabalhados, podem contribuir para um processo formativo mais dinâmico, dialógico e crítico para os *futuros professores*.

Os gráficos 5, 6 e 7 trazem informações referentes aos *futuros professores* (17 estudantes), contribuindo para importantes análises sobre formação e ação docente: 41% dos discentes estão entre 18 a 25 anos, enquanto 25% possui entre 26 a 35 anos e 24% entre 36 a 45 anos. Este ponto é relevante, pois parte significativa dos estudantes possui mais de 25 anos e estão fazendo a sua primeira graduação. Em diálogo com os mesmos, constatou-se que muitos são alunos trabalhadores. 41% dos entrevistados estão no IFBA há quatro anos e 18% há 3 anos, o que evidencia que o grupo em questão já cursou mais da metade do Curso, tendo experiência para fazer inferências quanto ao seu processo

Gráfico 5:

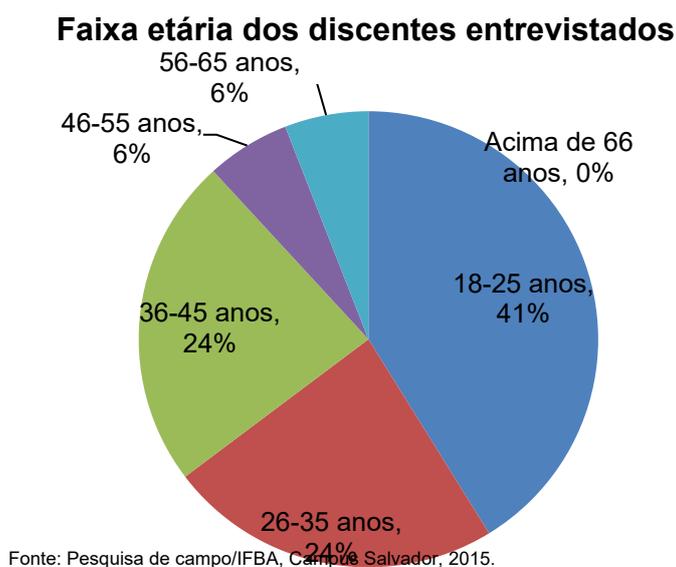


Gráfico 6:

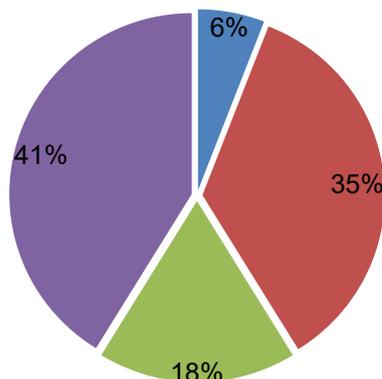


II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Tempo de estudo dos discentes entrevistados no IFBA

■ Até 1 ano ■ 2 anos ■ 3 anos ■ 4 anos

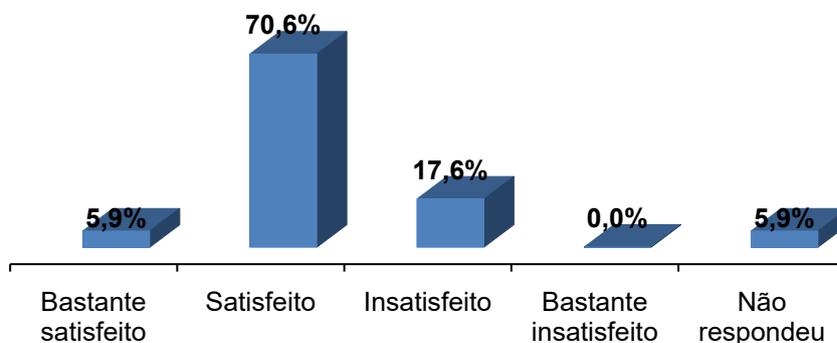


Fonte: Pesquisa de campo/IFBA, Campus Salvador, 2015.

Prosseguindo, vê-se que 70,6% dos licenciandos estão satisfeitos com o Curso e 5,9% estão bastante satisfeitos. 17,6% dos entrevistados demonstram insatisfação, em função de: ainda perceberem alguns elementos da tradição tecnicista da Instituição no processo formativo; necessidade de realização de metodologias mais dinâmicas e capazes de embasar o *professor em formação*, distanciamento de alguns docentes com os estudantes; desarticulação entre conteúdo e cotidiano em algumas disciplinas; dificuldade de compreensão de alguns docentes quanto à situação dos estudantes trabalhadores, etc. As sinalizações feitas são importantes para que os docentes e a própria Instituição possam refletir e buscar melhorar os serviços prestados. No entanto, de acordo com os entrevistados, as mesmas não chegam a trazer impactos negativos à formação docente.

Gráfico 7:

Nível de satisfação dos discentes entrevistados quanto a atuação docente



Fonte: Pesquisa de campo/IFBA, Campus Salvador, 2015.

4. A guisa de conclusão: tecendo reflexões

A sala de aula não é mais o lugar de repasses de conteúdos prontos, e sim o locus das muitas possibilidades para a circulação e construção de conhecimentos. A didática específica da geografia é pautada também pela renovação teórica e metodológica da ciência, considerando os fundamentos e a discussão atual da teoria e o método da análise geográfica. (AZAMBUJA, 2013, p. 166)

Os tempos mudaram, diante disso, vê-se a necessidade de se pensar num processo formativo que possa contribuir para a formação de cidadãos capazes de interferirem num mundo mais dinâmico e complexo. A atual configuração da sociedade exige dos professores uma nova postura frente aos problemas que chegam ao ambiente escolar. A importância da reflexão do professor sobre a sua prática e caminhada docente impõe diversos desafios, cabendo a busca por formas de lidar com esses problemas. Ignorar as transformações pelas quais a educação está passando é desprezar a evolução da vida e as novas demandas advindas deste processo.

Diante das diferentes transformações vivenciadas pela sociedade, a educação não pode manter-se neutra. Há a necessidade de se pensar ações dinâmicas e instigadoras que possam impactar positivamente o ambiente escolar. Pensar políticas que priorizem a educação e a valorização do trabalho docente pode, por exemplo, afetar na prática docente. Deve-se, portanto, buscar meios de oferecer aos docentes uma estrutura mínima que possibilite o exercício da profissão.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Reportando-e à Geografia, vale dizer que apesar de ainda se observar permanências de um modelo tradicional de educação, se vê também o desejo e busca por transformações, rumo à construção de um processo crítico e dialógico. O professor que pensa sua prática docente tende a perceber os pontos negativos e positivos, pensando meios de otimizar sua ação, através de uma metodologia que favoreça a construção do conhecimento, entendendo que por ser um processo, não tem uma resposta acabada, mas novas inquietações que impulsionam problematizações e novas problematizações que geram inquietações.

Referências:

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. A população na Geografia e no ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. (Org). **Temas da Geografia na Escola Básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRG, 2003.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.). **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na Escola**. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra. 1988.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

JESUS, Jéssica Caroline Souza de; ALBUQUERQUE, Isabela Santos. **A formação do professor e a prática docente em sala de aula: uma análise a partir da experiência de licenciandos do Curso de Licenciatura em Geografia do IFBA**. In: III Seminário sobre Formação em Exercício de Professores, 2015, Salvador/BA. Anais Eletrônicos: III SEMFEP. Salvador/BA: FACED, 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

JESUS, Marcos Henrique Oliveira de. FERREIRA, Mailson Macêdo Ramos. ALBUQUERQUE, Isabela Santos. **Desafios da Formação Docente: Uma análise a partir do Curso de Licenciatura em Geografia do IFBA, Campus Salvador.** In: III Seminário sobre Formação em Exercício de Professores, 2015, Salvador/BA. Anais Eletrônicos: III SEMFEP. Salvador/BA: FACED, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas.** São Paulo: Papyrus, 1990.

_____. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2009, 3ª edição.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores.** Campinas, SP: Papyrus, 2009.